ANO 5.º — Sexta-feira, 15 de Novembro de 1912 — NUMERO 247

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias)	1$200 réis
Semestre	600 réis
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte	2$500 réis
Avulso	20 réis

REDACÇAO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha	10 réis
Comunicados	20 réis

Anúncios permanentes, contracto especial.

Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

15 DE NOVEMBRO

Comemora hoje o 23.º aniversario da sua Republica, o povo, nosso irmão, que no Brazil fez, mais cêdo do que nós, vingar o seu regimen, triunfar o seu ideal.

E' certo que todas as causas ali eram em absoluto diferentes de aquêlas com que tivémos de lutar.

Desde a sua situação geografica até ás mais insignificantes condições internas, tudo naturalmente impunha a transformação politica porque passou a grande nação e que o respeito pelos anos e cabêlos brancos dum homem—o imperador—tinha até então evitado.

Factos, porém, imprevistos e o receio, até cérto ponto fundado, de que esperar pelo desaparecimento de D. Pedro para a mudança das instituições seria preparar gráves dificuldades e quem sabe se um perigo gráve para a implantação do novo regimen, os republicanos aproveitaram o retrocésso politico do gabinête que então presidia aos destinos do império, representado na pessoa do reaccionario visconde de Ouro Preto e, pactuando com o exercito, á frente do qual se colocou o marechal Deodoro, realisou-se a grande demonstração patriotica que, ultrapassando o fim a que se destinava, não só derrubou o ministerio, mas a propria corôa do imperador que, respeitado e recebendo todas as honras devidas, mais ao seu espirito e aos seus anos, do que ao cargo que nêsse determinado momento já não existia, foi conduzido para a Europa a bordo do *Alagôas*.

Sua filha, casada com o Conde de Eu, beata absolutamente fanatisada pelos jesuitas, chegando a varrer as egrejas diversas vezes, tarefa que lhe era imposta, como penitencia, nas persistentes confissões a que se submetia, não abandonando os templos, nos quaes passava horas resando a seguir em todos os altares, e o marido, mantendo as tradições da familia, não escondendo a ganancia insaciavel, preocupado apenas por o seu sentimento imenso da avareza e da riqueza, não seriam, por cérto, herdeiros do trono de fórma a garantir o futuro e as aspirações a que a grande nação tinha direito.

Obrigados por sua vez, os principes abandonaram o Brazil, que proclamou a Republica federal e do resultado déssa transformação somos nós testemunhas, admirando o engrandecimento extraordinario daquêle povo, nas multiplas demonstrações do progresso e da civilisação.

Todavia as novas instituições sofreram embates formidaveis dos partidarios do velho regimen, sendo a mais notavel aquêla em que, entre outros, tomou parte o almirante Custodio de Mélo, que no mar secundou o movimento, chegando a bombardear a cidade do Rio de Janeiro.

Não errâmos, afirmando que á energia indómita dum só homem, deveu o Brazil a manutenção do seu regimen.

A Republica deve esculpir em letras de ouro o nome de Floriano Peixoto, seu presidente, que atravez de tudo, sufocou, esmagando-o por absoluto, o movimento que durante mezes sobresaltou o mundo republicano não só do Brazil, como de todo o universo. Floriano Peixoto conseguiu obter varias unidades maritimas no estrangeiro que, reunidas áquêlas que estavam em diversos pontos da vasta costa brazileira, se constituiram numa esquadra que, forçando a baía do Rio de Janeiro, se preparava para dar batalha ás fôrças navaes revolucionarias. Foi então que estes, reconhecendo a sua inferioridade e fugindo á morte cérta, abandonaram os barcos e se dirigiram para bordo do navio português sob o comando do almirante Castilho, que apezar de ordem em contrario do seu govêrno, ordem que não sabemos se representava um excesso barbaro de neutralidade se um disfarçado auxilio ás fôrças monarquicas, com prejuizo do govêrno brazileiro, não foi cumprida pelo almirante Castilho que conservou a bordo do seu navio os 700 marinheiros sublevados, salvando-os duma chacina completa ou dum desterro perpetuo.

Quando de visita nésta cidade, o velho marinheiro, então ministro da guerra, assistia ao banquête, que numa das salas do liceu lhe foi oferecido, referiu esse notavel episodio da sua vida e contou as desconsiderações e as humilhações que do govêrno português recebeu pela prática do acto que tanto o engrandecêra aos olhos da humanidade.

Foi, porém, aquêle o ultimo esforço dos amigos do regimen deposto e desde então a Republica não teve mais de cuidar na repetição de casos identicos.

Numa constante demonstração de enexcedivel actividade e progresso, o Brazil, que já hoje ocupa um logar de incontestavel grandêsa entre os povos mundiaes, avança sem cessar para a conquista completa da sua classificação como uma das maiores nações futuras.

O que do Brazil a nossa Patria tem recebido, será impertinente referir aqui, porque está no espirito de todos.

Por isso, cheios de fé, abrasados pela grandêsa dos mesmos sentimentos com que tanto têm sabido engrandecer a sua Patria os nossos irmãos do Brazil, a êles enviâmos a nossa mais viva saudação, com os votos ardentes e apaixonados pela evolução constante da sua grandêsa e felicidade do seu regimen.

Pelo Brazil!

Pela Republica!

CONVITE

São convidados o *Grupo de Defêsa da Republica*, as comissões municipal e paroquiaes republicanas e todos os republicanos do concelho, a assistirem a uma reunião que se efectuará no proximo domingo, 17 do corrente, pelas 15 horas, no *Centro Republicano*, afim de tratar de assunto urgente e de interesse para o partido e para a Republica.

Aveiro, 13—11º—912.

O presidente Comissão Municipal

Marques da Costa

"A Patria,,

Após alguns mezes de suspensão, reapareceu segunda-feira em Lisboa este diário republicano da noite que se apresenta bastante variado nas suas secções e com magnifico aspecto material.

O seu primitivo director, sr. Ramada Curto, foi agora substituido pelo sr. Augusto de Vasconcélos, antigo jornalista democratico, que por si só é uma garantia para a expansão e prosperidades do jornal, como as antevêmos e desejâmos dêste logar donde exprimimos á *Patria* as nossas saudações de bôas-vindas.

O DEMOCRATA

Vende-se agora no **Kiosque Pereira**, junto ao mercado do Côjo.

Querélas

São tantas as que se anunciam contra nós, é tal a febre de intenso odio que paira á roda do *Democrata*, que não sabêmos o que mais admirar: se a tranquilidade de espirito com que encarâmos as ameaças contra nós despedidas pelos *correligionarios*, que o fôram tambem, no tempo da monarquia, dos principaes chefes politicos que a serviam, se a imbecilidade com que se apresentam em público a quererem passar por gente limpa, êles que nunca soubéram—ó! nunca!—o que era honra, caracter, dignidade!

Venham. Nós cá esperâmos tudo serenamente, tranquilamente, a rir, — a rir, ouçam bem—porque doutra maneira não podêmos olhar a corja quando esboça planos para nos aniquilar ou concérta ideias para nos confundir.

Venham. Pódem vir mesmo todas as *grandes potencias* aderentes e não aderentes, que nem por isso deixam de nos encontrar no posto onde ha cinco anos premanecêmos sem tergiversações nem desfalecimento apezar da guerra acintosa de que temos sido alvo.

BEJA DA SILVA

Chegou na terça-feira a esta cidade, reassumindo no dia imediato as funções do seu cargo de administrador do concelho e comissario de policia, este nosso presado amigo, integro caracter e inteligente funcionário da Republica.

Dando-lhe as bôas-vindas, associâmo-nos aos cumprimentos que tem recebido.

POLITICA LOCAL

Havendo alguem que persiste em atribuir a agrávos do *Democrata* a outro jornal da localidade o estado em que a politica aqui se encontra, desde já declarâmos que em bréve a questão hade ser posta nos seus devidos termos para que se avalie até que ponto são verdadeiras essas afirmações.

Sômos suficientemente previdentes para que não nos arrastem para a lama com a mesma facilidade com que se fazem gratuitas asserções.

O CASO PEREIRA DA CRUZ

Em que ficâmos?

Porque se espera?

Vae para um mez que pela gazeta da familia foi anunciado aos quatro ventos a tremenda liquidação final, que nos custaria a... honra, a liberdade e o pão!

Os melhores jurisconsultos, oradores de raça, figuras proeminentes, a cólera fremente do *caluniado*, tudo, tudo estava ao seu dispor, pronto a vir esmagar-nos, a nós, párias da sociedade, miseras creaturas que não nos exibimos em *coupets* de rodas de borracha, nem nos mostrâmos fardados, que não somos *homens politicos*, *politicos republicanos*, *republicanos democraticos*, democraticos burlistas, burlistas intrujões, intrujões repelentes, repelentes creaturas que a sociedade, pela sua falta de compreenção, aceita e toléra, tolêra e até sauda!!!

Nós que tivémos a coragem de secundar o protésto de homens honrados, de militares dignos e honestos que deram o primeiro grito de alarme contra a infamissima traficancia, o ignominioso negocio representado na prática de actos que o regimen atual não póde tolerar, sob penna de se repetir o 5 de outubro para expurgar os infames parasitas que da monarquia vieram, justificar o seu amor e a sua identificação com a Democracia, pretendendo apenas demonstrar com luminárias em dias de gala e vivas á Republica, como se isso fosse o bastante, a sinceridade das suas convicções e outros atributos indispensaveis nos tempos que decorrem.

Com tanto elemento de efeito, verbos inspirados, o procésso arquivado por *falta de provas, a opinião pública toda a seu lado*, a opinião pública, que conhece perfeitamente, como a sua consciencia, que o sr. Manuel Pereira da Cruz, *tenente medico miliciano, medico municipal, delegado de saude do distrito*, (que para o exercicio dêsse cargo, cometeu a vilanía de afastar o seu proprietario, o nosso saudoso e querido conterraneo, dr. Luis Regala, que largos anos o serviu com toda a dedicação e gratuitamente) *homem politico, politico republicano* e *republicano democratico*, a opinião pública, diziamos, que sabe perfeitamente, conscienciosamente que o sr. Pereira da Cruz *nunca* contratou com qualquer mancebo o seu livramento a 50$000 reis, excéção feita a outras operações acessórias de tesouraria, representadas no assucar, no chá e no queijo, porque espera o sr. dr. Manuel Pereira da Cruz—sem mais nada agora—para nos levar ao ignominioso banco dos reus, fulminar nos aí com toda a verdade explendorosa da sua defêsa, sepultar-nos vivo no pó, na terra, no nada da nossa... campanha?

O sr. Pereira da Cruz—sem mais nada—qual outro Jupiter tonante, entre o côro formidavel e glorioso do seu triunfo entoado pela sua numerosa familia e... mais nada ainda, porque déla não passa sombra de amizade ou afecto representado por outra qualquer individualidade; o sr. Pereira da Cruz porque nos não vem buscar, entre aguazís e alabardeiros, tambores soltando rufos roucos e funebres, de mistura com o boquejar abafado e receioso da multidão, que, surpreza, assiste ao desfile do aparatoso e triunfal cortejo que nos conduz, vitima da nossa *ousadia*, amarrados á enorme gravidade das nossas *calunias?!*

Prefére, por acaso, o sr. Pereira da Cruz, manter-nos nésta situação, intrigando o público, que, cioso, espera o dia em que tenhâmos de dizer da nossa justiça, dia que será, sem duvida, imorredoiro na historia désta terra, e por isso assim ficar, contentando-se apenas com o parecer favoravel conseguido, em Coimbra, no procésso da sua sindicancia? Tanto puritanismo, tantos melindres, tanta honra ofendida, representação social véxada, aviso pelo *canudo* familiar de que caíria... Troia sobre nós, aviso escrito por aquêle, com quem o sr. Pereira da Cruz, em tempos que não vão longe, tanto se encomodava ao vêl-o, que sofria vertigens, dores na cabeça e perdia o apetite, que ainda ha bem pouco, numa das mais solénes festas de familia, o excluiu calculada e propositadamente, mas que por sua vez agora não duvidou descobrir-lhe a .. perda das encomodativas e indignas qualidades de outr'ora, apezar, diziamos, de tantos sentimentos tão duramente *agravados*, o sr. Pereira da Cruz não se dá por achado, como vulgarmente se diz, e cala-se?

Será alguma habilidade mais que se prepara para nos surpreender? Algum procésso novo de deitar poeira nos olhos de algum ingenuo, que não conheça o nosso heroe, como o que se conseguiu com o parecer final do procésso mandando-o arquivar por *falta de próvas?*

Pelo amor de Deus! Basta de comedias réles, que nem os lendarios filhos da Lourinhã são capazes de acreditar!

Basta de farça e tudo que não seja a exigencia simples e formal das nossas responsabilidades, das nossas *calunias*. E' indigno, é imoral, é... o suicidio do *inconcusso*, do *notavel*, da *dignidade personificada* no sr. dr. Manuel Pereira da Cruz, *tenente medico miliciano, medico municipal, delegado de saude no distrito, homem politico, politico republicano, republicano democratico e*... protétor dos mancebos recenseados para o serviço militar, recebendo pelos seus honrosissimos trabalhos a modicâ quantia de 50$000 reis por caveira!

Basta de comedia, basta de farça e basta... de farçantes, que até em sonhos nos tentam encomodar, pois não se passam ainda muitas horas que a nossa imaginação, em sonho, nos apresentou o quadro pavoroso e negro da nossa execução—lá em baixo, no Rocio, onde uma multidão anciosa, no desespero de ocupar um melhor logar de onde lhe não podésse escapar o mais pequeno pormenor da horrivel tragedia, assistia ao acto de nos vendarem os olhos, apezar dos nossos protéstos, e a que uma duzia de homens, que não podéram ficar livres, depois disparassem as armas homicidas, varando-nos o peito, á vóz cava e rancorosa do tenente medico miliciano Pereira da Cruz, que, fardado, como já tivémos o subido e incomparavel gozo de o vêr... em vida, os comandava, ordenando o nosso fuzimento!

Assim não vale.

Vamos ao resto, á liquidação, que, de mais a mais, anunciada como foi, não se póde perder.

Porque se espera?

Vamos, pois, a isso, porque se o juri julga por próvas, julga tambem em consciencia!

Os Uniunistas

A cidade de Aveiro foi ontem visitada por muitos adeptos do sr. Brito Camacho, pertencentes aos varios concelhos do distrito, que vieram, ao que corre, trocar impressões para a formação dum centro ou coisa parecida, tendente a agrupar os amigos do ex-ministro e atual director da *Lucta*.

Do que se passou não o sabêmos, mesmo porque era tarde para, procurando, darmos informações mais complétas.

CARTA

Meu amigo

Sem pretenções a censor das medidas e resoluções, ainda que públicas, de quem quer que seja, permita-me V. que no seu jornal, um velho republicano, que subscreve estas linhas, venha, sem intuito nenhum reservado, o que afirma sob sua honra, manifestar a profunda estranheza que lhe causou a deliberação tomada pelo deputado por este circulo, sr. Alberto Souto Ratóla e que êle comunica aos seus eleitores no numero da Liberdade *respeitante á semana passada. Só de aí tive conhecimento á data em que, tomado dum mixto de surpreza e de pezar, e não me podendo conter que não desabafasse néstas mal cabidas palavras, que escrevo e endereço ao jornal que tem sempre sabido manter-se numa linha de absoluta coerencia politica e acirrada defêsa dos puros principios republicanos. V. sobejamente me conhece e por isso de sobejo acredita que nésta referencia vae apenas a expressão com que eu entendo traduzir o sentimento público, assim como o meu, a respeito do* Democrata.

Com surpreza e pezar vejo que o sr. Alberto Souto Ratóla declara que abandona a politica local, argumentando para justificar tal resolução, com supostas razões de queixa contra alguns correligionarios.

Perdoe-nos o sr. Alberto Souto Ratóla, mas isso não póde ser por pincipio algum. O sr. Souto não póde, investido do cargo que representa, abandonar a politica local sem que a seguir não renuncie tambem o diploma dêsse mesmo cargo.

Esse facto implica irremediavel e logicamente o outro. E a não ser assim, como foi que o sr. Sou-

to arquitétou e assentou no seu espirito bons argumentos para se convencer das razões e da logica da sua declaração e futuro procedimento?

Se é certo que o sr. Souto não representa em exclusivo Aveiro, representa o circulo em que Aveiro está integrado e o sr Souto não póde apenas representar dois terços ou tres quartas partes dos seus eleitores, com manifesto abandono e indiferença por o resto dêsses mesmos eleitores.

Esta situação é absolutamente inaceitavel e o sr. Alberto Souto, desculpe-nos s. ex.ª a franquêsa, ou reconsidéra, o que será sob todos os pontos de vista louvavel ou então completa o seu gésto renunciando o seu logar na câmara, o que muito sentiremos.

To be or not to be—*ser e não ser—é que no caso presente é absolutamente incompativel e daí a manifesta impossibilidade do sr. Souto manter-se, sem grave ofensa dos mais elementares principios, na situação impolitica e atribiliaria em que se colocou com a sua declaração apaixonada. O sr. Souto não conhece ainda até onde póde chegar a ingratidão dos homens; nunca experimentou situações dificeis na vida e agruras que nos ferem no decorrer da existencia como pontas de punhaes; mas por experiencia propria sabe como se lançam á bôca pequena calunias infamissimas em detrimento de qualquer, como se estabelecem inimizades e odios que muitas vezes não tem o mais leve motivo de verdade. E quer saber o sr. Souto, por quem não posso esconder a minha simpatia, que a merece, o que se diz ácerca de quanto deixa vêr o esboço da sua resolução?*

Que éla é a primeira démarche *para a realisação duma* entente *entre o sr. Souto e a talassaria indigena, afim de que, apresentada por obrigação a renuncia do seu diploma, seja chamado por esse motivo o sr. Cunha e Costa, o mais votado de todos os candidatos depois dos eleitos, com a dôce promessa de ser facultado nas proximas eleições todo o concurso eleitoral dos amigos do sr. Cunha e Costa a favor do sr. Souto.*

Fantasias? Intrigas? Reservado intuito de envenenar intenções? Sem duvida. O nosso espirito assim o aceita mas... não podêmos deixar de confessar que a situação em que impensadamente e num momento de, talvéz, justificado motivo, o sr. Souto, deixando-se comtudo arrebatar num impulso de irreflexão, tomando a resolução que manifestou, colocou-se numa contingencia que é uma porta aberta para todas as bôas e más suposições.

Foi, pois, com muito pezar e surpreza que conheci da disposição do sr. Souto que, é fé minha, não se manterá para evitar ser concluida, como preceituam—porque acima de tudo, o direito—as mais elementares regras politicas e do bom senso.

Agradeço a publicação déstas linhas, que são umas pobres considerações que sobre o caso apresento e tanto mais quanto é cérto que élas provam a simpatia que me merece o sr. Souto, que nêste caso, estou cérto, V. como eu, apreciará exclusiva e restritamente dentro da situação por êle creada.

Abraça-o cordeal e fraternalmente

10—11—912.

O velho republicano

L. de A.

A FERROS

Déram ha dias conta os jornaes de ter sido preso no concelho da Guarda, o padre José Antonio da Silva Alvaro, acusado de ter dinamitado o tunel do Salgueiral, proximo da estação de Luso, pelo que teve de fugir, escapando-se assim á perseguição das autoridades de Anadia que instantemente o procuráram.

O padre Alvaro é um jesuita da laia de outros com que Paiva Couceiro contáva para restaurar a monarquia em Portugal e que bem merêce um castigo em relação ao crime que, de parceria com o coléga de Tresoi, padre Abel Paulo, hoje a salvo, no Brazil, se propunham realisar sem a mais léve comiseração pelas vitimas inocentes que dêle resultássem.

Essa é que déve ser a verdadeira amnistia a aplicar-lhe.

NUTRICIA DE LISBOA

Os produtos désta casa encontram-se á venda, em Aveiro, no estabelecimento de Alberto João Rosa, rua Direita, 33 A e 33 B.

ESPANHA TRAGICA

O assassinato de Çanalejas

Como se deu o atentado e as causas que o determináram

Dum extremo ao outro do país correu na terça-feira, já quando o sol declinava para o ocaso, a noticia de que havia sido assassinado em Madrid o presidente do conselho de ministros, D. José Canalejas, ultimamente assaz falado em Portugal devido aos acontecimentos politicos que durante o seu govêrno se desenrolaram com excécional importancia para nós, que sofrêmos durante longos mezes as ameaças duma incursão realista, mercê da protecção dispensada pelo govêrno do visinho reino ás hostes de Paiva Couceiro, que só com a derrota fôram desalojadas e sacudidas da fronteira, devido aos protéstos que então se levantaram.

Canalejas era, segundo a opinião geral, um homem inteligente, vivo, com invulgares qualidades de atracção pessoal, que o tornavam um dos estadistas mais populares e simpaticos do reino de Hespanha.

Foi republicano do grupo de Zorrilla, mas cêdo abandonou as suas fileiras para se alistar como monarquico liberal, fazendo uma larga campanha a favor dêsses principios e tão grande que lhe abriu as portas do poder logo após o fuzilamento de Ferrer. E' desde essa data que o vêmos á frente do govêrno hespanhol, cujo povo tinha por êle uma cérta veneração pela fórma como guiou os destinos de Hespanha.

Como se deu o atentádo

A imprensa hespanhola refére da seguinte maneira o assassinato de que vimos tratando:

Segundo o seu costume, o sr. Canalejas saira, a pé, do seu domicilio na rua de las Huertas, esquina da rua del Principe e dirigiu-se, pela carrera de S. Jeronimo, ao ministerio do interior. Ao chegar á livraria San Martin, que é quasi á esquina da rua de Carretas, parára, a vêr, na vitrine, a exposição dos ultimos volumes publicados. Nêsse momento, um individuo que caminhava pelo passeio, sem pronunciar uma unica palavra, acercou-se do sr. Canalejas, agarrou-o pelo hombro com a mão esquerda e disparou-lhe tres tiros á queima roupa. Dois dos projectis feriram-o no pescoço e o terceiro do lado direito da cabeça.

O sr. Canalejas caiu pesadamente junto ao hombral da livraria.

Desde logo se estabeleceu grande confusão, precipitando-se toda a gente sobre o sr. Canalejas para o proteger.

O assassino, aproveitando-se déssa confusão, fugiu para o centro da Puerta del Sol; mas ao vêr-se perseguido por algumas pessoas, ao chegar junto a um passeio onde costumam estacionar carros de aluguer, com a mesma pistola *Browning* de que se servira para assassinar o presidente do conselho, disparou dois tiros na cabeça.

O atentado deu-se precisamente ás 11 horas e 25 minutos.

O cadaver do sr. Canalejas foi imediatamente transportado para o ministerio do interior.

O cocheiro de um carro que estava proximo declarou ter visto um homem, decentemente vestido, ocultar-se por de traz dos carros e, num dado momento, manejar um objecto, supondo que fôsse o assassino a carregar a arma. Depois perdera de vista o referido individuo que só reconheceu quando o viu perseguido por alguns populares.

O livreiro sr. San Martin disse que o sr. Canalejas parava com frequencia diante das suas vitrines e que por muitas vezes comprára livros no seu estabelecimento. Naquéla ocasião, porém, não o tinha visto e só o reconhecera quando o viu caido junto da porta.

O cristal de uma das vitrines está rachado e apresenta dois orificios feitos pelas balas, as quaes—caso estranho—ainda não apareceram.

A'cêrca do assassino, sabe-se que a policia de Buenos-Aires comunicára á policia francêsa que havia sido expulso daquéla republica o hespanhol Manuel Pardinas, o qual ali embarcára, com destino a Marselha ou a Bordeus. A policia francêsa fez essa comunicação á policia hespanhola, acrescentando saber que se tratava de um anarquista suspeito de querer atentar contra a vida do rei de Hespanha. Por seu turno, a policia hespanhola, e sobretudo os agentes que escoltaram o rei durante a sua viligiatura, possuiam os signaes do anarquista, sem comtudo conseguirem encontral-o.

O assassino é efectivamente aquêle em que acima se fala. Tinha 28 anos de edade e nasceu em Elgarde, provincia de Huesta.

Ocupava-se em trabalhos de escultura, tendo vivido durante alguns mezes em Lisboa donde foi expulso pelo govêrno de João Franco após o fracasso do movimento revolucionario de 28 de Janeiro de 1908, por ser considerado um libertário perigoso.

O funeral de Canalejas foi extraordinariamente concorrido, assistindo o rei Afonso XIII que acompanhou o feretro a pé, sem incidente.

Caixa Economica Postal

Ainda que ha bem pouco tempo funcionando a Caixa Economica Postal, éla apresentouse, desde o inicio das suas operações, suficientemente desenvolvida e prometedora para o fim a que se destina, podendo desde já todos terem a certeza de que será completa a missão a que a destinam, visto estarem garantidos os fins que éla proporciona.

A *Caixa Economica Postal*, á semelhança das suas congéneres, que existem em quasi todos os países da Europa, tem por fim propagar e estimular o principio da economia levando o efeito benéfico das suas operações até aos logarejos mais afastados e de menor importancia, proporcionando ao público em geral e, em especial, ás classes menos abastadas, um meio facil e seguro de amealhar as mais insignificantes quantias e tornal-as produtivas, constituindo por esta fórma, quasi sem sacrificio, um pequeno capital, de que o Estado se torna responsavel desde que ali seja depositado.

Para se avaliar do alcance de tal instituição basta dizer que se podem fazer depositos da insignificante quantia de 200 reis, e tal faculdade, no nosso modo de vêr, é, sem duvida, o melhor beneficio que a caixa póde prestar aos seus depositarios, que em qualquer estação telegrafo-postal ou simplesmente postal, do continente e ilhas, devem pedir todas as explicações e fazer os depositos que quizerem.

A *Caixa Economica Postal*, é, sem contestação, um dos mais modernos e seguros sistêmas para beneficiar a economia pública representada pelos menos bafejados pela fortuna.

Sentimos

No Pinheiro da Bemposta onde atualmente exerce clinica o nosso muito presado amigo dr. Carlos Alberto Ribeiro, faleceu ha dias uma sua filhinha, que era todo o seu enlevo e de sua esposa, a quem nêste momento queremos significar a expressão da nossa condolencia.

Chamava-se a inditosa creança Maria Luiza, tendo completado 23 mezes, pelo que o coração dos estremosos paes sangra de saudade ao vêr partir para as regiões do além aquéla que tanto adoravam.

Ao enterro, civil, da inocentinha acorreu muitissima gente tanto do Pinheiro como dos logares circumvisinhos.

Ainda o caso Pereira da Cruz

São do ultimo numero do nosso coléga *Progresso de Alquerubim*, os seguintes periodos:

«Concordâmos plenamente com as palavras do nosso presado coléga *Bairrada Livre*, sob o escandalo Pereira da Cruz.

Tambem admirámos o resultado das averiguações relativamente ás acusações imputadas aquêle medico miliciano. *O Democrata* é, sob todos os pontos de vista, considerado incapaz de faltar á verdade, e, por isso, esperâmos que, em pleno tribunal, se o lá levarem, prove inconfundivelmente o que tem afirmado, da maneira mais convincente.

Que se faça toda a luz sobre este caso, para que a justiça seja feita inexoravelmente. O contrario será uma mancha indelevel para o novo regimen que não póde nem deve tolerar a impunidade de actos que por si só são a prova mais irrefragavel da corrução social, que não póde aceitar-se na presente conjuntura. Esperemos o desenrolar da meada a fim de dizermos da nossa justiça, porque o belo negocio têve tambem descarada repercussão no nosso concelho.»

A *Tribuna Livre*, de Sever do Vouga, por sua vez se reféré ao mesmo assunto transcrevendo o que disse a *Bairrada*, prova de que egualmente deseja esclarecido este facto escandaloso a que deu logar o pouco escrupulo do tenente medico miliciano Pereira da Cruz, tambem *medico municipal no concelho, delegado de saude no distrito, homem politico, politico republicano e republicano democratico*, como é assaz conhecido pelo *Camaleão das Provincias*, atentas as convicções, afinidades e modo de ser de ambos.

Como se vê não estâmos de todo em todo sós. Muitos jornaes se teem referido á nossa campanha, com citações honrosas para o *Democrata*, sendo fóra de duvida que éla se tem repercutido lá fóra, interessando vivamente todos quantos, como nós, só desejam que o país, sob o regimen republicano, não continue a ser campo de exploração para determinados figurões, sejam êles quem fôrem, venham êles donde vierém.

Ensinaram-nos a ser assim e assim serêmos.

Impenitentes, mas justiceiros.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco* e *Kiosque Elegante*, no Rocio.

NÃO FALTAVA MAIS NADA

Lê-se no ultimo numero do *orgão dos taberneiros*, edição do director:

Coisas locaes

Em resultado dos ultimos acontecimentos, pediu a demissão de comissario de policia e administrador do concelho o sr. Beja da Silva, constando segundo uns que não lhe será aceita, e segundo outros que é nomeado para o referido logar o sr. dr. Adriano de Vilhena Pereira da Cruz, que reune todas as bôas qualidades para bem desempenhar tão espinhoso cargo.

Esta resolução sería bem aceite e punha termo ás rivalidades politicas que fomentam dia a dia devido á orientação que tem levado as cousas locaes.

Mas emfim... isso é lá com êles.

Se préviamente não seubéssemos que o Zé Maria, principalmente quando está com dois dedos dêlo, é um *disfrutador* de mão cheia, de cérto que a noticia da escolha do sr. dr. Adriano Pereira da Cruz para comissario de policia e administrador do concelho nos levaría a umas considerações que a maioria dos nossos leitores havia de gostar e ao novel bacharel não repugnariam pelo cunho de verdade com que as faríamos acompanhar. Mas estão todos a vêr o que isto foi: o *Bébes* comemoráva a vespera de S. Martinho e como toda a sua preocupação é o *jornalismo* deu-lhe na venêta mostrar aos confrades o seu podêr de imaginação e fez aquilo. Para nos disfrutar? Evidentemente. Nós, porém, que o conhecemos, rimos, rimos, que foi uma coisa por de mais. A Maria Rita não riu tanto quando morreu, o que quer dizer que se estâmos vivos é devido ao cós das calças, que rebentou a tempo...

Agora concordâmos: ha tipos que, com a *piéla*, são engraçadissimos...

O conflito do dia 3 e o "Grupo de Defêsa da Republica,,

UMA ACTA

de que nos é pedida a publicação

....

Uma questão jornalistica suscitada entre os cidadãos Arnaldo Ribeiro, redator do *Democrata* e Alberto Souto, redator da *Liberdade*, orgãos da opinião republicana nésta cidade, deu origem a um conflito pessoal que deveria ter posto termo a esse incidente desagradavel e para o que o *Grupo de Defêsa da Republica* tinha já empregado o melhor dos seus esforços, como consta das actas e mais trabalhos registados. Inesperadamente, porém, aparece inserto na *Liberdade*, de 7 do corrente, um artigo-declaração no qual o cidadão Alberto Souto faz publico o seu alheiamento da politica local assim como de todas as agremiações politicas do concelho a que élas pertencem. O *Grupo de Defêsa da Republica* surpreendido com tal declaração, reuniu no dia 9 a fim de, inteirando-se da atitude manifestada pelo cidadão Alberto Souto, tomar as deliberações que a situação exigia, com o manifesto intuito de dissuadir o referido cidadão da sua resolução. Reunidos no seu maior numero os socios dêste grupo, nas salas das sessões do *Centro Escolar Republicano de Aveiro*, tomou a presidencia o cidadão dr. Alberto Ruela, que, por sua vez, convidou para secretarios os cidadãos Carlos Duarte e Lino Marques. Aberta a sessão, o cidadão presidente, dando conta das razões que originavam aquéla reunião, convidou a ocupar o seu lugar o ilustre deputado dr. Marques da Costa a quem a assembleia fez uma carinhosa manifestação de apreço e simpatía, convite que traduziu um preito de homenagem ao prestavel e honrado cidadão. Ocupada a presidencia por este cavalheiro, fez êle varias e conceituosas considerações sobre o caso que ali se discutia, pedindo a seguir a palavra o cidadão Bernardo Torres que deu conta das diversas *démarches* desempenhadas junto dos cidadãos Arnaldo Ribeiro e Alberto Souto para que terminasse tão lamentavel situação que se refletia desairosa e impoliticamente no seio do partido não só local como geral.

Depois de acalorada discussão sobre o assunto, o cidadão Elisio Feio pediu a palavra e, referindo-se ao especial motivo désta reunião, após judiciosas considerações no sentido de provar quanto era contraprodocente e absolutamente inadmissivel a situação creada pelo cidadão Alberto Souto com a sua declaração, perante o partido e dêste para com êle, e ainda porque não se podia, sem o emprego de todos os esforços, consentir que o cidadão Alberto Souto, já pelos seus dedicados serviços como ainda pelo seu atual valôr e predicados, mantivésse a sua resolução, que de facto não existiam preponderantes motivos a justifical-a, submeteu á aprovação da assembleia a seguinte moção que foi aprovada, depois de lida, por unanimidade e sem discussão:

Moção

Considerando que o cidadão Alberto Souto foi eleito deputado por proposta de todas as comissões politicas e com o apoio dos republicanos do concelho de Aveiro, como preceitua a *Lei Organica do Partido Republicano*;

Considerando que o mesmo cidadão em artigo publicado na *Liberdade*, de 7 do corrente, se afasta do partido republicano de Aveiro e de todas as agremiações politicas que, mantendo essa lamentavel resolução, o levará, fatalmente, a renunciar o seu logar de deputado;

Considerando que o mesmo cidadão prestou relevantes serviços ao partido republicano antes da gloriosa revolução de 5 de Outubro e os tem continuado a prestar á Republica em todos os campos;

Considerando que as comissões politicas são extranhas a todas as questões pessoaes;

O *Grupo de Defêsa da Republica*, que foi fundado unica e exclusivamente para defender as novas instituições, o que já tem provado e tantas vezes o provará quantas necessario fôr, convida o cidadão Alberto Souto a desistir da sua extranha atitude para bem da Patria e da Republica e passa á ordem da noite.

Sala das sessões, Aveiro, 9 de Novembro de 1912.

(a) *Elisio Filinto Feio.*

Em seguida o cidadão Manuel Barreiros de Macedo propôz para que fôsse nomeada uma comissão para, pessoalmente, dar conta ao cidadão Alberto Souto do texto da moção votada ficando a assembleia permanente até ao regresso da referida comissão [e assim, fôsse qual fôsse o resultado obtido, ficar encerrado de vez o incidente.

O cidadão presidente indicou para constituir essa comissão os cidadãos Bernardo Torres, Manuel Barreiros de Macedo, dr. Alberto Ruela, Lino Marques e Manuel de Souza Gouvêa. Encontrado o cidadão Alberto Souto na redacção da *Liberdade*, pelo cidadão dr. Alberto Ruela lhe fôram expostas as razões porque era procurado, sendo pelo mesmo cidadão lida a moção anteriormente aprovada, reiterando de novo a comissão o maior desejo para que, sendo tomado pelo cidadão Alberto Souto na devida consideração o acto que ali a levava, êle acedesse a quanto manifesta e lealmente a referida moção sintetisava. Inteirado o cidadão Alberto Souto do conteudo da moção—declarou que—*antes da sua declaração, tinha bem ponderado o acto que praticara, pois que resoluções daquéla ordem ninguem as tomava de animo leve.* Entretanto, acrescentou, *parecia vêr na moção uma censura ao seu acto por quanto lhe parecia éla indicar-lhe o resignato do seu diploma o que não fazia, apezar de não anuir ao pedido que lhe expunham, por quanto não fôra eleito sómente pelos republicanos de Aveiro mas sim por os de todos os outros concelhos e só quando estes lhe retirassem a sua confiança êle então resignaria.* Acrescentou mais que *não achava bem cabida a classificação de* **extranha** *á sua resolução quando êle de facto é que* **extranhou** *o termo—por quanto êle se considerava ofendido, assim como tambem agravos tinha do* Grupo de Defêsa da Republica *que não interveiu oportunamente afim de liquidar o incidente, e ainda resentimentos de alguns republicanos, não podendo estar dentro dum partido onde estava um jornal que o agredia na sua dignidade pessoal.* A comissão observou que pelo rapido agravamento da discussão jornalistica e da sua entrada no campo pessoal, pois foi uma questão de horas, lhe era materialmente impossivel evitar a agudeza que a referida questão atingiu. Trocadas ainda muitas outras explicações todas tendentes a demover o cidadão Alberto Souto do seu proposito, dando como não tomada a sua resolução, foi o mesmo cidadão Alberto Souto inabalavel no seu proposito e disso convicta a comissão veiu dos seus esforços dar conta á assembleia, que manifestou quanto éla lhe era desagradavel, dando por terminadas as suas deligencias para restabelecer a harmonia que procurou com tanto empenho, resolvendo mais dar larga publicidade a todos os seus trabalhos, levantando-se em seguida a sessão.

Aveiro, 9 de Novembro de 1912.

(aa) *Antonio Maria Marques da Costa*
Carlos Duarte
Lino Marqaes

SERVIÇO DOS CORREIOS

Um grande beneficio para Aveiro

O sr. administrador geral dos correios, engenheiro Antonio Maria da Silva, acaba de mandar estabelecer uma mala do correio pelo comboio rapido que parte de Lisboa ás 8 horas e meia para Aveiro. Désta fórma a correspondencia que aqui chegáva ás 19 horas passa a chegar ás 13, no que muito tem a lucrar o público que não só recebe os jornaes da capital cêdo como ainda póde responder no mesmo dia a quaesquer comunicações que dali lhe sejam enviadas.

Pelo mesmo comboio é egualmente expedida de Aveiro mala com correspondencia para o Porto, onde chega ás 14 horas, quando pela atual expedição chegáva depois das 20 e meia. Do Porto tambem partirá, pelo rapido das 18 e 5, uma mala diária com correspondencia para Aveiro, onde chegará ás 19 e 11 minutos.

Cumpre-nos informar que este novo serviço já ontem começou a ser executádo, pelo que é digno de todos os louvores o sr. Antonio Maria da Silva, que sem alardes o projectou e pôz em prática.

Domingos Guimarães

Do apreciado escritor contemporaneo, recebemos o 2.º volume da *Historia Social*, que acaba de traduzir, e que a *Bibliotéca de Educação Intelectual*, do Porto, expôz á venda com notavel exito.

Agradecendo ao sr. Domingos Guimarães mais esta deferencia para com o *Democrata*, cumprimentâmol-o pelo seu novo trabalho, ao qual, como prometêmos, ainda fazemos conta de nos referir mais de espaço em dia que o nosso espirito nos permita folheal-o com atenção, dedicando-lhe o tempo que agora nos chega a faltar para outros assuntos.

O MIJARÊTA

Sabemos que está a terminar a larga digressão que o nosso heroe, *arrazado e pobre*, ha muito anda fazendo pelo estrangeiro.

De Espanha passou a S. João da Luz, onde permanece grande numero de emigrados politicos, seguindo depois para Paris, onde —quem sabe?—talvez colaborasse nos numeros do orgão do seu grande amigo e patricio—o infamissimo *Pulha d'Aveiro*.

O caso é que, após o *terminus* da viajata e realisadas as entrevistas que a originou, os de casa anunciam a chegada do *Mijarêta* a esta cidade por todo este mês.

Aqui fica o aviso e preparemonos para o que fôr preciso, que já calculâmos o que seja.

Não percâmos de vista o amigo, o socio, o correligionario do Cristo!

Do "Camaleão,,

A' prova e sem comentários

....

Porque o sr. D. Manuel prosiga conquistando novos louros, firmando no amor do povo os alicerces do seu trono, **são os nossos, são os mais sincéros votos de toda esta formosa região da beira-mar.**

Mais uma vez e **em nome do prestigioso grupo politico que nos honrâmos de representar na capital dêste distrito, bradâmos a toda a força do nosso entusiasmo e das nossas convicções:**

Viva el-rei!

(Campeão das Provincias, de quarta-feira 7 de julho de 1909.)

Estampilhas—Já estão á venda, desde ha dias, no correio e varios estabelecimentos para isso autorisados, as novas estampilhas da Republica.

São, porém, apenas as das taxas de 1 e 2 1|2 centavos, equivalentes ás de 10 e 25 reis, pois as de 1|4, 1|2,5 centavos e mais, equivalentes a 2 reis e meio, 5 reis, meio tostão, etc., do antigo regimen, são ainda em tal quantidade, as existentes, que parecem não ter fim.

As de 2 reis e meio (1|4 de centavo) admitem-se porque são as do centenario da India e lindissimas; as da efigie do destronado rei D. Manuel, **fazem já perder a paciencia á gente.**

Quando acabarão de vez?

As novas são impressões com tintas ordinarissimas, mórmente as de 1 centavo (10 reis). E' um ver que destôa **se não arripia os nervos, de escuro e churro que é.**

(Campeão das Provincias, de 15 de junho de 1912.)

DE OLIVEIRA DE AZEMEIS

Um atropêlo á lei

Revoltaram-se alguns meus conterraneos por ter escrito nêste jornal que a lei neste concelho era calcada com todo o descaramento pelos individuos que se encontram á frente quer dos negocios administrativos quer na berlinda da tão extraordinária politica concelhia. Não me causou a menor contrariedade essa revolta, porque os seus dirigentes déram já provas bastantes para se poder dizer, sem receio dum desmentido sério que medem a justiça da lei pelo interesse individual dos afilhados ou dos... convertidos.

Causou-me, p e l o contrario, bastante magua vêr os moderados, mas honestos, encolherem os hombros numa significação de duvida.

Não queria, nem quero, que estes acreditem de olhos fechados nas minhas afirmações, mas desejo, porque é um acto de justiça, que procurem certificar-se da verdade, para premiar condignamente quem tiver prevaricado.

Se assim tivessem procedido, convicto estou de que se não tinham dado tantos pontapés na lei e de que as personalidades, que se encontram á frente das gerencias concelhias, não tomavam resoluções sobre os joelhos nem amarfanhavam a mesma lei. Se o indiferentismo comodista dêsses honestos não fosse demasiadamente conhecido, ter-se-iam evitado tantos abusos que teem ferido a Republica na sua moralidade e justiça.

O caso de que me vou hoje ocupar, é um dêsses abusos.

O partido medico, com séde em S. João da Madeira, é um dos cinco partidos medicos de que se compõe este concelho e vae numa facha de bastantes kilometros de aquéla fregrezia á de Feijões, que confina com o concelho de Arouca. Nêsse partido existe um medico que ha muito mais dum ano tomou posse e que até hoje ainda não fixou residencia na área do seu partido, como ordéna a lei geral do país, nem na freguezia de S. João da Madeira, como mandam as condições do concurso. Reside na freguezia de Arrifana, que pertence ao concelho da Vila da Feira.

Este medico não cumpre, portanto, com a lei, nem satisfaz ás condições do concurso.

O codigo administrativo diz que todos os empregados administrativos têm o praso de 30 dias, a contar da sua posse, para fixar residencia nas localidades marcadas na lei. E uma disposição legal referente aos facultativos municipaes, ordena que estes teem de fixar residencia no praso maximo de um ano. Já são passados meses depois dêsse praso maximo findo, e o facultativo municipal de S. João da Madeira continúa a viver num concelho diferente da área do seu partido!

E as autoridades que teem a seu cargo a fiscalisação dêsses serviços, o que teem feito depois de expirado o praso? Deixam viver tranquilamente o facultativo municipal de S. João da Madeira na sua casa de Arrifana! Deixam calcar á lei quando teem por obrigação fazel-a respeitar!

E como os serviços de saude pública pertencem á pasta do ministro do Interior, que tem por delegado ou representante nas cabeças do concelho os administradores, porque é que esta nossa autoridade administrativa não lançou os seus olhos para este abuso e não o participou, reclamando pela lei ofendida, aos seus superiores hierarquicos?

E sendo uma questão de moralidade e justiça, porque é que esses republicanos radicaes, que se levantam em dirigentes locaes do partido avançado da Republica, nada teem protestado, validando os seus esforços perante o Directorio do artido republicano português ou perante o seu predilecto deputado?

Cumpra-se a lei, chamando o facultativo a defender-se da falta cometida. E quando não apresente provas que o defendam, cumpra-se a lei, demitindo-o. Mas a unica prova que póde apresentar, é a falta de casa para habitação, e esta existe, com certeza, na área do seu partido. Já existiu quando o abade de S. João da Madeira foi despedido da residencia. Porque não arrendou esse facultativo a residencia? Por acaso aproximou-se do presidente da comissão concelhia dos bens da egreja a fazer a sua oferta de arrendamento?

Sei com toda a segurança que não.

Então qual é o motivo?

E' tão bem conhecido o verdadeiro motivo, como é conhecida a causa que obriga as autoridades competentes e os representantes ou chefes do avançado partido local a fecharem os olhos.

Deixem-se de sujas politiquices, escutem as necessidades do povo, satisfazendo-lhe as justas comodidades, e tratem da defêsa da Republica, de que alguns, bem poucos, se mostraram, *in ilo tempore*, seus amigos.

13—XI—912.

O medico **Lopes de Oliveira**

Comunicados

A questão da casa da aula do sexo masculino da Palhaça

Disse já nêste jornal que a casa da aula do sexo masculino é inconveniente para o efeito e que prejudica ali a instrução das creanças, em numero de cêrca de 80.

A casa, além da pouca moralidade que se passa em volta déla (os leitores desculpam-me por enquanto a franqueza de expôr essa pouca moralidade) está situada no local da feira, precisamente no sitio onde se realizam as transações do gado soino e bovino. Nos dias dos mercados, que são dois por mez, as creanças não pódem estudar com o muito barulho do povo que negoceia. Depois de findar o mercado do gado soino, principia o do gado bovino sempre com o mesmo barulho, estando as creanças sujeitas a uma ou mais desgraças que muito bem se pódem dar ao sair da aula, pois que tem forçosamente de sair por entre bois e povo, muitas vezes á cunha. Este inconveniente, que não é o peor ainda, foi notado pelo sr. inspector escolar de Anadia quando este ano veio áquéla escola principiar os exames, indo acabar os trabalhos na outra que lhe fica proxima, tendo de mandar fechar a porta da aula, continuando, ainda assim, os trabalhos com bastante dificuldade pelo muito barulho que fóra faz o povo negociante. Tal é o inconveniente para as creanças, que o sr. inspector pensou em ordenar que nos dias de mercado não houvésse aula, cobrindo-se essa falta á quinta-feira nas semanas em que houvésse mercado.

Mas ha mais ainda. Nos dias dos mercados, exactamente pela grande aglomeração de povo e gado, o professor Caládo manda as creanças embora muito antes da hora, sendo muitas vezes, 11 horas e menos quando isso sucéde. Por um lado está bem porque nunca as tenras creanças deviam sair depois das 11 horas, contanto que voltassem á segunda aula. Mas assim não póde ser, porque as creanças não tem tempo em 2 ou 3 horas, de fazer problemas, ditado e lição. Prejudicam-se por tanto ali as creanças, intelectualmente, além de sujeitas a desgraças que pódem acontecer.

E não quer vêr estes inconvenientes o inspector de Anadia, unica e simplesmente para atender á empenhoca que lhe é muito preferivel ao bem estar das creanças! Eu não sei o que ha de novo além da prevenção do sr. inspector ao professor Caládo.

Creio que mais alguma coisa ha, pelo menos o rancor do referido professor, que principia já a fazer os seus salutares efeitos. De nada lhe valerá esse rancor que simplesmente o encomodará a si proprio. E atraz do professor mais algum rancoroso aparecerá.

Mas isso pouco importa. As coisas hão-de ser como fôr, podendo uns e outros estar certos de que alguma coisa de mais util se espera para as creanças tanto dum como doutro sexo.

Ainda não é tarde para vêr o que faz o sr. goxernador civil que por fórma nenhuma poderá cruzar os braços deante désta questão. Eu não conto em ir mais longe; mas se fôr preciso lá irei sem o menor receio de responder por tudo que nêste jornal tenho dito a respeito do inspector escolar de Anadia e do que ainda terei de dizer do proprio professor, de caldeia com o sr. inspector escolar.

E póde um e outro aguardar a ocasião de me chamar aos tribunaes, póde o professor principiar por castigar injustamente os meus filhos, que nada disso me fará recuar do caminho que me propuz seguir. E desde já fica prevenido o sr. professor Caládo que os meus filhos não tem ido e nunca irão á aula em dias de mercado emquanto a aula fôr na actual casa, e que de ora ávante vou mandar fiscalisar o castigo que o sr. aplica a meus filhos. O seu reaccionarismo não triunfará mais!

Palhaça, 4—11—12.

Manuel de Mélo

"Republica,,

Este nosso coléga de Setubal ha pouco chamado aos tribunaes pelo secretário de Finanças, Antonio Augusto de Oliveira, que Aveiro conhece e nós sobejamente, pelas suas fanfarronadas, acaba de ser julgado e absolvido visto como provou, em harmonia com a lei, todas as acusações feitas ao intratavel funcionário que por sua vez foi condenado no pagamento das custas.

Regosijando-nos com a justiça que aos nossos colégas da *Republica* fez o juri perante o qual compareceram a responder, daqui os cumprimentâmos muito intima e afectuosamente.

Prevenção

Alguns farmaceuticos pouco escrupulosos vendem um xarope contra a tosse que dizem ser fabricado segundo a formula do **Xarope Famel**; a formula do **Xarope Famel** não é publica e o lactato de creosota que entra no verdadeiro **Xarope Famel** é um producto novo, de propriedade exclusiva do inventor e não póde ser imitado. Quem quizér curar-se da tosse ou bronchite exija, pois, o **Xarope Famel** legitimo e, como garantia, o nome do agente exclusivo para Portugal e colonias:

J. Deligant, 15, rua dos Sapateiros, Lisboa. Preço, 1$200 reis.

Club dos Galitos

Levada a efeito por um grupo de socios, efectuou-se no domingo á noite uma *soirée* dançante no grande salão dêste patriotico club á qual concorreram muitas das nossas simpáticas tricaninhas, que fazem hoje parte integrante das festas daquéla casa.

A musica era constituida por um magnifico sextêto, devendo esta reunião ter deixado gratas impressões entre aquêles que mais directamente néla tomaram parte.

Garraiada

Não merece detalhada mensão a que domingo ultimo se realisou na praça de Santo Antonio, posto que da parte dos seus promotores, os distintos toureiros amadores, Francisco Rocha e Mateus Falcão, houvésse bôa vontade de corresponderem á simpatía com que o público os acolheu desde a vez primeira que aqui viéram farpear.

Além do gado ser fraco, muitos outros factores concorreram para o fracasso da corrida, que cértamente foi a ultima dêste ano, atendendo á época, que positivamente não é já para divertimentos désta natureza.

Os aficionados e curiosos o que pódem é para o ano aparecer mais cêdo.

A FIRMINADA

Anda furiosa, enraivecida por lhe termos posto a calva á mostra, a gente da Véra-Cruz.

O *Camaleão* emudeceu, porque, segundo ouvimos, ha quem pense em nos chamar aos tribunaes por aquilo que aqui lhe temos dito e que é incontestavelmente a expressão da verdade, essa verdade que poucos teem a coragem de dizer, mas que nós amâmos muito para que a calêmos no momento em que nos obriguem a falar, ou nos chamem á justificação do que nêste logar se escreve sempre sem subterfugios, sempre sem hipocrisia, sempre com aquéla clareza que nem todos querem usar exatamente porque não são sinceros, não teem brio, não são dignos, nem teem vergonha.

Prometemos desmascarar a *firminada*, que tem por orgão o *Camaleão*, e isso havêmos de fazer porque não nos intimidam ameaças nem esmorecêmos diante do primeiro charlatão que se lembre de passar por homem de convicções, numa terra onde seja desconhecido como tal.

E' tempo de se estremárem os campos, de se definirem atitudes. Sem compromissos politicos e alheado por completo das agremiações partidárias existentes, o *Democrata* atraiçoaria o seu passado se não combatesse hoje, com o mesmo ardor, com a mesma paixão de quem deseja vêr implantado no seu país um regimen de moralidade politica e honestidade colectiva, os crimes e os processos de que se serviam os monarquicos para arranjos pessoaes, que nunca para dárem á nação exemplos que a tornássem respeitada e digna de figurar entre as outras nações do mundo onde a corrução é justamente castigada pelos tribunaes e os corrutos despresados e banidos da sociedade como seres infinitamente execrandos para estarem em contacto com éla.

Não nos querem assim? Acham que esta politica, a verdadeira politica patriotica, se não déve seguir por prejudicial ás instituições, que carécem do auxilio de todos os portuguêses, do amparo de todos, sem exceção, que queiram colaborar na sua consolidação? Pois esses pódem ser tudo menos republicanos.

Nós entendemos que a primeira coisa que ha a fazer é sanear. Sanear, purificando ao mesmo tempo o ambiente e nunca transigir, por um principio de coerencia, com os que se mostram, apezar de se dizerem republicanos, com os mesmos defeitos e vicios que tinham quando se diziam monarquicos.

A *firminada* está nêstas condições. E' possivel que dentre tanta gente alguma haja que se aproveite. E' possivel, Entretanto o orgão *Camaleão* já defeniu, claramente, no caso Pereira da Cruz, o motivo que o levou a declarar-se republicano no dia 5 de outubro de 1910 e *republicano democratico* quando os amigos do sr. Afonso Costa fórmáram êsse grupo.

Quer ter predominio, quer gosar da mesma impunidade que gosou noutros tempos, ainda não distantes, em que se fazia tudo e tudo se perdoáva porque não havia pejo de encobrir tratantadas ou de aquélas *faltas* eguaes ás que vinha praticando sua ex.ª o tenente medico miliciano, dr. Manuel Pereira da Cruz.

Résta saber se os republicanos de Aveiro, os velhos, que tantas vezes foram afrontados, e em geral todos os honestos, estão dispostos a toleral-a ou se, como nós julgâmos, repudiam a sua solidariedade que só comprométe, deshonrando a Republica.

S. MARTINHO

Como a lei de separação não atingisse nas suas disposições, restringindo ou alterando as prerogativas da secular confraría da invocação de glorioso santo, festejou-se na ultima segunda-feira em todas as capélas e egrejas de que êle é orago, o grande dia, procedendo-se, como é velha usança e disposição do respectivo estatuto, á eleição de juiz, que decorreu na melhor ordem, sendo reeleito, como era de toda a justiça, o *Bébes*, um dos mais velhos e venerandos irmãos.

A eleição foi quasi que em todas as assembleias de chapa, á excéção duma, nas visinhanças da praça do peixe, onde apareceu um determinado numero de listas indicando o *Cadão*, em competencia com a outra, que ainda assim venceu por grande maioria, sendo no final do apuramento queimados muitos foguetes e aclamado o eleito que, querendo pessoalmente inteira-se como o acto decorrêra, visitou todas as assembleias, agradecendo a prova de deferencia e consideração que mais uma vez acabava de receber. Pouco depois saía a procissão, apresentando-se todos os irmãos com toda a decencia conduzindo um grande numero dêles as respectivas tochas e outros os variados emblemas, e percorrendo assim o itinerario do costume.

Um dos maiores admiradores do juiz, compoz o seguinte hino, que a multidão, no couce do prestito, cantava em côro, com a musica do *fado liró*:

VÓZ

Zé Maria, rei do vinho,
Não andes assim sósinho,
A beber pelas tabernas,
Apanhas taes bebedeiras (
Na taberna dos Ferreiras, (bis
Quejá te não tens nas pernas... (

CORO

E' certo teres companheiros
Bebedolas verdadeiros
Na capéla do Mais Nada;
Mas atiras-te com alma,
Pois ninguem te leva a palma
Na tua fiel taxada...

Ó... ó... ó... ó... ó... etc.

VÓZ

As tuas tripas coitadas,
Andam todas ensopadas,
No bom verde e no briol;
Não bebes a aguardente, (
Pois não é p'ra toda a gente, (bis
E' só do bom parreirol. (

CORO

E' certo teres companheiros, etc.

VÓZ

Só tu é que cantas victoria
Na taberna do Gloria,
Ou então na Social;
Bébes garrafão e meio (
Na tasca do Pecegueiro (bis
Sem isso te fazer mal... (

CORO

E' certo teres companheiros, etc.

Ego

Principio de incendio

Pelas 20 horas de quarta-feira déram as torres da cidade sinal de alarme chamando os socorros para o quartel de cavalaria 8, em Sá, onde se havia manifestado incendio na cooperativa dos oficiaes devido a descuido na ocasião em que se procedia á torrefação do café.

Compareceram os Bombeiros Voluntarios com parte do seu material, que não chegou a ser utilisado, retirando pouco depois por o incendio ter sido imediatamente extinto.

Na volta, e quando o carro da bomba n.º 1 descia a Avenida Bento de Moura, sucedeu caírem dois bombeiros que o puchavam, tendo de ser pensados na ambulancia os ferimentos que receberam.

Leilão

No domingo 17 e seguintes continuam a ser vendidos em leilão no templo da Vera-Cruz, que não chegou a construir-se, os objectos que em tempo fôram anunciados pela Junta de Paroquia, constantes de pedra, madeiras e diferentes obras de talha, que ali se acham armazenados, e que agora os srs. proprietarios de casas teem uma bôa ocasião de adquirir, querendo.

Serviço de administração

Mandámos á cobrança pelo correio, uns, e por intermédio de obsequiosos amigos nossos, outros, os recibos de "O Democrata,, vencidos ou prestes a vencerem-se, do que dâmos conta aos nossos presados assinantes rogando-lhes a finêsa do seu bom acolhimento afim de nos evitárem novas despêsas e podermos trazer em dia a escrituração do jornal.

***

No **Congo Bélga, Pará** e **Manáus** estão respectivamente encarregados de receber as assinaturas que lá possuimos, os srs. **Henrique Madail, J. J. Nunes da Silva e João Simões Amaro Junior,** devendo os assinantes das outras partes do ultramar, onde ainda não temos pessoa idonea que nos represente, mandar as importancias directamente a esta redacção, o que desde já muito agradecêmos.

Necrología

Faleceu nésta cidade a avó materna do nosso amigo Antonio Maximo Junior a quem enviâmos pêzames assim como a toda a sua familia, como êle, de luto por tão infaustuoso acontecimento.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

NOVEMBRO	
DIAS	PHARMACIAS
17	AVEIRENSE
24	REIS

CORRESPONDENCIAS

Cacia, 12

Já retiraram da aprazivel praia da Torreira os nossos dignos conterraneos e amigos, srs. Celestino B. da Silva, Artur Soares Pereira, Salvador Nunes de Bastos, Antonio Lourenço Costa e Ernesto Afonso.

Cumprimentâmol-os.

= Partiu para Coimbra acompanhado de sua esposa e filho, o importante industrial ali, sr. Manuel R. da Béla.

= Já ha dias que nos deixou aquêle nosso sincéro amigo, caciense simpatico, sr. Ernesto Afonso, depois da sua chegada da saudosa praia da Torreira.

Retirou-se para Lisboa, de onde conta seguir dirétamente para o Pará.

Daqui, em espirito, o abraçâmos, fazendo votos pela sua feliz viagem.

= Realisou-se ha dias o enlace da menina Maria Rosa Carrêla, da rua Nova, com o sr. Antonio Camondo, do logar de Sarrazóla.

Um porvir de infindas prosperidades é o que anelâmos aos simpaticos noivos.

= Tambem deixa por estes

dias a deliciosa vida infantil o nosso correligionario e amigo sr. João Pereira Felix. E' com uma prendada menina do logar de Taboeira que este nosso amigo conta, em bréve, unir-se pelo matrimonio, pois para isso a escolheu, como digna dêle pelos seus apreciaveis doter de coração.

= Realisou-se no penultimo domingo a festividade ao S. Simão, no logar da Quintã do Loureiro, que têve como juiz o nosso particular amigo sr. Manuel Mateus Ventura.

Foi uma festa que agradou, devido, sem duvida, ao lindo arraial, que esteve devéras concorrido tanto de rapazes como de raparigas. Tambem não faltaram as costumadas cebôlas e alhos.

= Ha dois dias que tem feito um vento norte muito frio.

= As sementeiras estão quasi concluidas.

= Já se teem abatido grande quantidade de suinos.

C.

Anuncios

Artigos de caça

No estabelecimento do sr. Batista Moreira, rua Direita n.º 72 B, Aveiro, é onde se encontra um grande e completo sortido de artigos de caça pelos mais baixos preços do mercado. Uma visita a este estabelecimento, justifica a verdade.

A quebradura curada

Vê o leitor este pedreiro fechando a abertura daquéla parede?

Esta é a fórma como é curavel a quebradura, fórma racional, intuitiva, compreensivel.

Como se tapa um buraco?

Empregando material mais forte para fechar a abertura.

Uma quebradura é simplesmente uma abertura numa parede e nêste caso a parede é o musculo que protege os intestinos e outros orgãos internos, como o bucho, o bandulho, o fole das migas e o respectivo espaço que se póde chamar a borracha para liquidos escuros!...

E' quasi tão facil curar uma ferida ou rotura nêste musculo, como tapar com um espicho o buraco dum barril...

E' isto precisamente o que o meu metodo consegue, permitindo ao doente reter a quebradura dentro da parede no seu proprio local. Depois o doente toma tres *marquezes* a seguir, de duas em duas horas, sofrendo ainda a aplicação do desenvolvente Briol que que se aplica sobre a abertura da quebradura, preparado que penétra atravez dos *impórios* da pele, destruindo as partes calosas que se formam ao *redol do anel do énes* e podendo o doente, poucos dias depois, como eu sempre faço, ingerir o maximo do referido desenvolvente Briol, até que possuindo-se da convicção de que está curado, ainda que o não esteja, supõe-se um grande homem, arbitro nas mais complicadas questões sociaes, jornalista, censor, mentor, dentista e... á altura de levantar o *nivel da imprensa*, como um bom pedreiro vulgar de Lineu...

Pouco depois começa então o processo da cicatrisação. Livre a naturêsa—mas que naturêsa! como dizia o *Adonis* que Deus haja—da saliencia e do *anel caloso ao redol do énes*, estimulado pela acção do Briol, desenvolve-se a linfa, cicatrizando-se a abertura com o novo musculo.

Não é isto simples, rasoavel? Eu tenho provado, diz o referido pedreiro, os seus méritos em milhares de casos.

Eu o posso provar a qualquer quebrado que me envie o seu nome. Escrevam-me que eu lhe enviarei pelo correio uma amostra gratuita do meu desenvolvente Briol, vulgarmente conhecido por *carrascão, verdasco, maduro, palhete, carregado e rigoroso*, que é quando mais nos faculta o levantamento do *nivel*...

Com a amostra *gratis* segue um livro, que sendo obra minha, diz ainda o referido pedreiro, está antecipadamente assegurado o seu valor literario, com primorosas ilustrações, representando as diversas fases das *curas* a que tenho sido submetido, após as *impressionantes e impressionaveis quebraduras* que tenho apanhado...

A éle, a éle, que as *cura* muito bem!

Edital

André dos Reis, bacharel formado em direito e presidente da Comissão Administrativa dos Bens do Estado no concelho de Aveiro:

Faço saber que no dia 1 de dezembro proximo, por 12 horas e no edificio da Administração dêste concelho se ha de proceder em hasta pública ao arrendamento dos seguintes bens:

Freguezia de Arada

Passal junto á Quinta da Bôa-Vista. Base da licitação, 25$000 reis.

Casa de residencia paroquial em Verdemilho. Base da licitação, 12$000 reis.

Freguezia da Oliveirinha

Casa de residencia paroquial. Base da licitação, 15$000 reis.

Condições:

a) O arrendamento é feito por um ano a contar da data da assinatura do contracto.

b) A renda anual será paga á Comissão Concelhia de Administração por todo o mês de setembro de 1913.

c) O arrendatário dará fiador idóneo ao cumprimento do contracto.

d) Findo o arrendamento, o arrendatário poderá, em ocasião de nova hasta pública, uzar do direito de opção.

e) Fica expressamente proíbida a sublocação do predio arrendado, quer no todo, quer em parte.

f) Todas as bemfeitorías, qualquer que seja a naturêsa déstas, ficarão pertencendo ao Estado, logo que feitas.

g) O arrendatário não poderá cortar arvores ou fazer quaisquer modificações nos predios arrendados sem autorisação da Comissão.

Aveiro, 15 de novembro de 1912.

André dos Reis

CASA DE PENHORES

Previnem-se os srs. mutuarios da casa de emprestimos sobre penhores da Rua da Revolução, afim de reformarem os seus contractos até 5 de dezembro proximo, para não serem vendidos os respectivos penhores.

Aveiro, 14 de novembro de 1912.

João Mendes da Costa.